

SOBRE O SUPERFICIAL E A SUPERFICIALIDADE DE KILL BILL

Livia Pinent*

Após seis anos sem lançar um novo filme, Quentin Tarantino volta às telas como diretor do polêmico *Kill Bill*. Depois de *Jackie Brown* (1997), que não obteve o mesmo sucesso de *Pulp Fiction* (1994), o também ator, produtor e roteirista Tarantino volta às telas no que considera sua obra-prima. Depois de 10 anos de projeto, não poderia se esperar menos. A idéia de *Kill Bill* surgiu ainda durante as filmagens de *Pulp Fiction*. Ele e Uma Thurman, que atuava no filme no papel da viciada Mia Wallace, criaram a personagem vingativa *A Noiva* e, a partir desta, Tarantino desenvolveu o enredo. Ao querer, obviamente, Uma para o papel, e com a pós-produção já em andamento, as filmagens de *Kill Bill* tiveram de ser adiadas para esperar o fim da gravidez da atriz e sua recuperação. Outros fatores atrapalharam os planos do diretor, como o fato de que a história seria contada em apenas um filme. Por opção da Miramax o projeto acabou dividindo-se ao meio, abrindo mais possibilidades de desenvolver a trama.

Com uma trilha sonora marcante, começando pela angustiante *Bang Bang* de Nancy Sinatra, o filme retrata a vingança d'A Noiva (Uma Thurman), codinome Black Mamba, ex-assassina profissional, parte do grupo DiVAS, Deadly Viper Assassination Squad. Na tentativa de se aposentar e levar uma vida normal em uma pacata cidade do Texas, cenário influenciado pelo estilo velho-oeste apreciado por Tarantino, *A Noiva*, grávida, está prestes a se casar, quando seus ex-companheiros de trabalho invadem a capela e matam friamente todos os presentes, inclusive o reverendo e sua esposa. Tarantino nos poupa da chacina, mas não do momento em que Bill atira na cabeça d'A Noiva, quando esta revela ser dele o



Uma Thurman

filho. Em palavras do próprio Bill, antes de atirar: “você me acha sádico, não estou sendo sádico. Isto é ser sádico”, palavras escritas por Tarantino que descrevem a essência do filme. Nunca foi feito algo tão sádico em Hollywood. A cena somente com o rosto

ensangüentado de Uma, inteligentemente em preto e branco, só é comparável aos filmes Europeus da fase Euroshock, entre as décadas de 60 e 80. A tomada é incômoda, agonizante, doentia e termina com o estampido do tiro, completando o desconforto de quem assiste. Mas é exatamente o que Tarantino quis que sentíssemos, esse choque nos faz assistir a todo o filme com o permanente medo de um novo baque.

Milagrosamente, *A Noiva*, que só tem seu nome verdadeiro revelado no segundo filme, salva-se da morte, passando quatro anos em coma. Ao acordar decide vingar-se de quem destruiu sua vida. Mata um por um de seus inimigos, dispondo de uma capacidade de defesa incrivelmente superior, parecendo ser indestrutível, imortal, provavelmente mais uma técnica desenvolvida por seu Mestre Pai Mei, personagem mítico do segundo filme. Um mestre oriental de longas barbas brancas com sabedoria e força milenares, assim como a sua idade. A veracidade nunca foi a preocupação de Tarantino. A começar pela quantidade de sangue utilizada nas lutas, bem ao estilo dos filmes de Kung Fu dos anos 70 e 80, tão assistidos pelo diretor.

Depois do coma, *A Noiva* parte para o Japão a fim de matar a primeira da sua lista, O-Ren Ishii, personagem de Lucy Liu. Sendo ela a rainha do crime em Tóquio, conta com uma guarda de 88 homens armados com espadas de samurai, *The Crazy 88 killers*. *A Noiva* passa por todos eles,



em uma sanguinária cena onde, incrivelmente, o mais interessante é o movimento da câmera, genialmente manipulada para que a luta não se torne massiva. Tomadas em preto e branco fazem o espectador prestar atenção na coreografia e não no sangue exagerado. Samurais voando pelas escadas ao estilo O Tigre e Dragão, além da já antológica cena de luta no escuro, apenas com luz sob um fundo azul. Depois de todos os 88, ainda tem a guarda-costas pessoal de O-Ren, a adolescente mortal Go go Yubari. Superada a adolescente, A Noiva vai ao encontro de sua ex-companheira, de codinome Cottonmouth. Numa cena memorável na neve, em um jardim tipicamente oriental, se dá uma bela luta de espadas, com um fim um tanto impressionante, um pouco *Hannibal*.

O segundo filme tem menos sangue, mais história. Ele tenta explicar a trama do *Vol.1*. Não há tantos sustos, e dá mais espaço a sentimentalismos, não muito de acordo com o público que espera ver Tarantino ainda mais sanguinário a cada filme. Mas a escolha foi sábia, a trama do *Vol.2* mais bem desenvolvida, surpreendente. Como não poderia faltar, tem ainda mais incríveis façanhas de Beatrix, nome verdadeiro d'A Noiva. Uma delas é conseguir sair de dentro de um caixão, a muito mais de sete palmos do chão. Graças a seu treinamento com Mestre Pai Mei, consegue quebrar a madeira do caixão e sair de debaixo da terra. Depois disso ainda mata mais uma de sua lista, Elle Driver, a grande vilã de *Kill Bill vol. 2*. A loira de um olho só é interpretada por Daryl Hanna.



Quentin Tarantino

A atriz deve confirmar a tradição de Tarantino de salvar carreiras afundadas, como fez com John Travolta, Samuel L. Jackson e a própria Uma Thurman.

Para as culturas orientais, onde claramente o filme foi inspirado, a morte é tida como um processo para a vida.

O que ocorre na versão americana para tal é o fato de que a morte de seus inimigos é um processo pelo qual A Noiva deve passar, mas sempre com ar de indestrutibilidade, em que você acredita que ela possa ser imortal, de tão incríveis as façanhas desta mulher. O sentimento é de vingança, sem dúvida. Mas também é uma forma de



Kill Bill

vida, para a ex-matadora profissional sem família, sem amigos, sem nada. Seus ex-colegas, a mando de Bill, mataram seu noivo, suas amigas e seu futuro. Não há muitas opções para A Noiva. Ela precisa completar esse processo vital para ela, de matá-los, ou então, se caso for, morrer em uma das investidas.

O filme tem muitas influências do cinema oriental, das séries de Kung Fu que Tarantino assistia na adolescência. Numa dessas séries participava o ator Sonny Chiba, que participa de *Kill Bill* como Hattori Hanzo, mesmo nome de seu personagem na série. Outra referência marcante é a cena *femme fatale* de Darryl Hannah, homenagem explícita a Brian De Palma. Quanto à violência, o filme é muito semelhante à *Pulp Fiction*, um pouco mais sangrento. *Kill Bill* trata de afirmar como principal característica de Tarantino a violência fria e sangrenta como parte essencial da estrutura do filme.

Kill Bill Vol. 2 recebeu duras críticas por não ser tão *trash* como o volume 1. Com exceção, é claro, da luta entre Elle Driver e Beatrix, que contém detalhes ainda mais impressionantes, se é que é possível, aos mostrados na luta entre O-Ren e A Noiva, no primeiro filme. Sem dúvida, *Kill Bill* impressiona na qualidade das cenas, edição impecável, movimentos de câmera inesperados, tomadas longas e ininterruptas. A trilha sonora completa o pacote de idéias geniais, mesclando o ritmo do violão espanhol à neve no Japão de forma muito interessante. Depois de *Kill Bill*, Quentin Tarantino pode se considerar o diretor especialista em retratar a violência como arte no cinema.

NOTAS

* Estudante de Jornalismo da PUCRS.